



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de encerramento do encontro empresarial Brasil-Palestina**

Belém-Palestina, 16 de março de 2010

Eu pensei que meu nome era tão fácil de falar. Percebi que não é.
Eu quero cumprimentar o primeiro-ministro da Autoridade Nacional Palestina,
Salam Fayaad,

Quero cumprimentar o ministro da Economia Nacional Palestina, Assim
Abu Libere, e em nome dele cumprimento todas as autoridades palestinas aqui
presentes,

Quero cumprimentar o ministro Celso Amorim, ministro das Relações
Exteriores do Brasil,

O ministro Miguel Jorge, o ministro do Desenvolvimento, Indústria e
Comércio,

Quero cumprimentar o ministro Franklin Martins que está aqui,

O governador do estado da Bahia, Jaques Wagner,

A nossa embaixadora Ligia Maria Scherer, representante do Brasil junto
à Autoridade Nacional Palestina, por meio de quem saúdo os demais membros
da comitiva brasileira,

Quero cumprimentar o senhor Mohammad Massroji, presidente da
Federação Palestina de empresários, em nome de quem saúdo os empresários
palestinos.

E quero cumprimentar o senhor Salim Taufic, presidente da Câmara de
Comércio Árabe-Brasileira, por meio de quem cumprimento os empresários
brasileiros que estão aqui presentes.

Meus amigos, minhas amigas,



Há sempre uma primeira vez. Acho que esse encontro do governo brasileiro com autoridades palestinas, com a presença de empresários palestinos e ainda com a presença de poucos empresários brasileiros é apenas uma demonstração de que toda grande caminhada começa com o primeiro passo. E nós estamos dando esse primeiro passo, o estabelecimento de uma política do Estado brasileiro como Estado palestino, para que a gente possa estabelecer uma política comercial mais sólida, mais forte e mais desenvolvida. Por isso eu quero cumprimentar todos os líderes empresariais palestinos e brasileiros que compareceram a esta mesa redonda.

Este evento simboliza nosso compromisso em juntar forças para contribuir na construção de um Estado Palestino viável e próspero. Sabemos qual é o primeiro desafio nessa caminhada: vencer o bloqueio que vem sofrendo o povo palestino. Um muro de separação cobra um alto preço em termos de sofrimento humano e prejuízo material, sobretudo, na Faixa de Gaza. Divide famílias, afasta amigos, desarticula a produção e, conseqüentemente, assusta o investimento. O Brasil está comprometido com a luta pelo fim desse embargo e do conflito que está na sua origem. Mas as graves deficiências que a economia palestina padece não desaparecerão automaticamente, apenas [com] o retorno à paz. A derrubada do muro será apenas o primeiro passo para reverter anos de asfixia, de desinvestimento e destruição.

Na conferência de Paris, em 2007, o Brasil deu sua contribuição para obras emergenciais nas áreas de saúde, educação e infraestrutura. Com a doação do Fundo Ibas, estamos construindo um centro poliesportivo em Ramalá. Outras contribuições foram destinadas à reconstrução de Gaza, na Conferência de (incompreensível), em 2009. Mas queremos fazer mais. Queremos colaborar com o plano de governo do primeiro-ministro Fayaad, para modernizar a infraestrutura e reduzir a dependência da ajuda internacional. São medidas que ajudarão a construir as bases de um Estado Palestino forte e



eficiente.

Os números impressionam. Serão 201 projetos prioritários envolvendo investimentos da ordem de US\$ 5,5 bilhões que, certamente, gerarão empregos e renda para o povo palestino. Muitas vezes, achamos que US\$ 5 bilhões significam muito dinheiro. Imaginem o que se gasta no mundo hoje para cuidar da defesa dos países. Significa algumas dezenas de vezes o dinheiro que nós temos que utilizar para recuperar o Haiti, para criar o Estado Palestino e, quem sabe, ajudar outros países pobres a terem a sua participação no desenvolvimento global.

Alguns projetos são absolutamente urgentes e inadiáveis. Por exemplo, concluir o hospital da Universidade Nacional de An-Najah. É o que anseia uma população que ainda sofre as dolorosas consequências dos violentos ataques contra Gaza no ano passado. A digitalização das instituições judiciárias e a construção de um campo de treinamento das forças de segurança nacional tampouco podem esperar. No entanto, apenas parte dos recursos necessários está garantido.

É por isso que o Brasil vai sediar em São Paulo, em julho próximo, a Conferência Econômica da Diáspora Palestina. Esse evento será copatrocinado pelo Brasil, Espanha e Autoridade Nacional Palestina. Participarão empresários locais, representantes da diáspora palestina e árabe, da América Latina e da Península Ibérica. Quero registrar, ainda, um agradecimento especial à Câmara de Comércio Árabe-Brasileira, parceira do governo brasileiro na organização desse importante evento.

Senhores empresários,

As necessidades de investimento na Palestina são na mesma escala dos desafios de reconstruir o País. Estamos prontos a apoiar as iniciativas do Plano Fayaad para identificar produtos com potencial exportador. Estamos criando um amplo arco de solidariedade para captar investimentos e identificar uma vocação econômica palestina. Nos setores prioritários, que vão desde



infraestrutura e agroindústria até a tecnologia da informação, empresas brasileiras com grande experiência no ramo estão motivadas para participar.

A asfixia imposta à Cisjordânia e à Gaza impede que a Palestina se beneficie dos fluxos de comércio internacional. Falta financiamento, insumos e acesso à tecnologia. Por isso, não basta abrir mercados para setores de reconhecida competitividade, como são os de pedras trabalhadas e azeite de oliva. O nosso desafio está em atrair para a Palestina, tecnologia e capitais brasileiros que ampliem a escala e a capacidade técnica do setor exportador. A conclusão de um acordo de associação entre o Mercosul e a Palestina em muito contribuiria para tornar o mercado sul-americano em uma nova fronteira para os produtos palestinos.

Senhoras e senhores,

Temos motivos para otimismo nessa empreitada. Em anos recentes, a economia palestina tem crescido de forma robusta preservando os níveis de emprego e renda. Apesar da destruição e dos bloqueios, a Palestina reage, assim como o seu combativo povo que não se deixa abater. Esse espírito de superação é uma inspiração para todo o mundo. Sei que será também para os empresários aqui presentes.

Meus companheiros e companheiras, sobretudo o meu companheiro Miguel Jorge, ministro da Indústria e Comércio, companheiros brasileiros e empresários que estão aqui: eu sei que a tarefa de reconstruir um país não é uma tarefa fácil. E menos fácil, ainda, é a opção de fazer investimentos sem que você tenha as garantias necessárias para, aqui, colocar uma empresa ou fazer investimentos. Mas eu quero lembrar a vocês que a garantia principal que o governo brasileiro pode oferecer para vocês é a mesma certeza que eu tenho de que não está longe o dia em que será assinado o acordo “Israel e o Estado Palestino”.

Eu penso que hoje, salvo na cabeça de poucas pessoas, há compreensão dentro e fora de Israel, dentro e fora da Palestina, de que é



preciso, urgentemente, construir os dois Estados para que os dois povos possam viver livremente. E, certamente, que Israel será um grande parceiro comercial do Estado Palestino, e que o Estado Palestino será um grande parceiro comercial do Estado de Israel.

Eu lembro que não é possível a gente ficar em uma década feliz porque caiu o muro de Berlim e na outra década ficar triste porque está se erguendo um muro dividindo o Estado de Israel e o Estado Palestino. Ou se está construindo um muro entre os pobres do México e os Estados Unidos da América do Norte. E eu penso que a ausência de discussões políticas com mais profundidade nesses temas tem levado a que as coisas demorem mais para acontecer. E eu acho que nós temos urgência em resolver alguns problemas que nós enfrentamos.

E eu queria dizer aos empresários palestinos e aos empresários brasileiros uma coisa que eu falo com muito orgulho: em 2003, dia 25 de janeiro, eu vinha de Davos e disse ao companheiro Celso Amorim que era preciso que nós trabalhássemos fortemente para mudar a geografia comercial e, ao mesmo tempo, para que o Brasil tivesse uma inserção política de acordo com o tamanho da economia do Brasil, de acordo com a história do Brasil e de acordo com o tamanho do nosso território.

Isso parecia impossível, porque o Brasil sempre foi um país em que, ao longo de séculos, as nossas autoridades gostavam de ser submissas às chamadas “economias ricas”. A palavra correta é submissa. É de não lutar pela sua soberania, de não respeitar a si próprio e não fazer valer aquilo que eram as coisas do Brasil. E nós sabíamos que o único jeito de fortalecer o Brasil e trabalhar para mudar a geografia econômica do mundo era a gente acreditar, primeiro, em nós mesmos. E começamos a construir uma economia sólida. E começamos a construir novos parceiros. O Brasil era um país que vivia de costas para a América do Sul, e nós fortalecemos a nossa relação com a América do Sul e com a América Latina; nós fortalecemos, e muito, a nossa



relação com os países africanos; nós fortalecemos, e muito, a nossa relação com alguns países asiáticos, que até então, era pequena e nós fortalecemos, muito, a nossa relação no Oriente Médio e, sobretudo, no mundo árabe, onde é a primeira vez... Porque algumas coisas são inexplicáveis. Eu, quando cheguei ao Líbano, descobri que a última autoridade a ter ido ao Líbano foi o imperador D. Pedro II, em 1846, se não me falha a memória. Chego a Israel, descubro... e certamente, aqui na Palestina a mesma coisa: chego e descubro que a última autoridade a vir aqui também foi D. Pedro, em “mil, oitocentos e setenta e algumas coisas”.

Ora, se os homens de negócios não viajam, se os chefes de Estado não viajam, se os ministros de Finanças e de Desenvolvimento não viajam, o que vai acontecer na economia de cada país? Nesse mundo globalizado, a gente não pode mais ficar esperando que o comprador ou o vendedor passe na nossa porta. Nós temos que ir atrás deles. E temos que disputar cada milímetro, porque aquele discurso de livre comércio, cantado em verso e prosa, que foi feito até uns dez anos atrás, não é tão verdadeiro. O livre comércio, ele era muito defendido quando os países ricos queriam vender os seus produtos aos países pobres. Mas quando vamos à OMC fazer negociação comercial como tentamos fazer na Rodada de Doha, nós percebermos que quem defendia o comércio livre defendia apenas para vender e não para comprar.

Vários produtos brasileiros e, sobretudo, o etanol brasileiro, são taxados nos Estados Unidos. Nós quase não podemos vender o nosso etanol, que é uma das possibilidades de renovação da matriz energética do mundo. Agora, recentemente, ganhamos, na OMC, depois de sete anos de briga, para que os Estados Unidos tirem os subsídios do algodão deles. Não é que prejudica o produtor de algodão do Brasil. O Brasil é competitivo. O Brasil tem tecnologia. O Brasil pode disputar com os Estados Unidos e com a União Europeia em qualquer comércio. Mas quem é prejudicado com os subsídios dos países ricos? São os países pobres, sobretudo os países africanos, alguns que vivem



apenas por conta da produção de algodão. E quando nós ganhamos na OMC, achando que os Estados Unidos iriam dar o exemplo de cumprimento, de obediência às decisões de uma instituição multilateral, qual não é nossa surpresa, que os Estados Unidos não acataram a decisão da OMC, impondo ao Brasil a necessidade de fazer alguma retaliação a produtos americanos. E eu não sei se o meu ministro do Comércio Exterior percebeu, alguns setores, alguns jornais fizeram crítica a nós, ou seja, nós éramos os errados, porque estávamos nos defendendo e porque estamos defendendo os produtos circularem no mundo sem barreiras, sem subsídios, sem o protecionismo dos países ricos.

Pois bem, outras coisas vão acontecer, mas o dado concreto é que o Brasil tinha uma balança comercial de quase 28% com os Estados Unidos, tinha uma balança comercial de quase 30% com a União Europeia. No meu mandato, nós crescemos, em média, 20% ao ano, tanto com a União Europeia quanto com os Estados Unidos. Mas, no global, hoje, os Estados Unidos pesam na balança comercial brasileira apenas 13% e, a Europa, 13%.

O que aconteceu de fato? É que nós não estamos mais dependentes apenas de uma economia, nós diversificamos a nossa relação comercial. E hoje o maior parceiro individual é a China e, por continente, não é mais a Europa, é a América Latina que é o maior parceiro comercial nosso. É por isso que, quando veio a crise econômica, o Brasil sentiu menos – apesar de ter sentido –, sentiu menos a queda das exportações.

Eu estou dizendo isso para que vocês saibam que, oito anos atrás, eu desafiava os empresários brasileiros de que era preciso que eles tivessem coragem de virar empresas multinacionais. E disse isso... Eu lembro de um discurso meu em Angola, dizendo que os empresários brasileiros precisariam virar multinacionais, meu caro Ivo Rosset, e um jornal importante no Brasil disse: “Lula faz crítica a empresários”, quando na verdade eu estava incentivando os nossos empresários. E veja que coisa extraordinária: no



próximo mês, eu vou fazer a primeira reunião no Brasil com empresários multinacionais brasileiros.

Então, eu quero dizer aos empresários palestinos que nós estamos apenas começando uma jornada. Além dos problemas internos que o povo palestino tem que resolver, além do acordo para criação do Estado Palestino... Porque, hoje, também, já há um consenso de que a coexistência dos dois Estados é condição *sine qua non* para que a gente conquiste a paz nessa região. Bem, falta-se descobrir por que não aconteceu até agora. Porque, quando a gente conversa com as autoridades de Israel, está tudo andando bem, quando a gente conversa com as autoridades palestinas, está tudo andando bem. Mas alguma coisa está acontecendo que não está bem. Alguma coisa está acontecendo que não está bem. E eu acho que nós precisamos procurar, de todas as maneiras possíveis, ajudar a procurar novos interlocutores, a conversar com todos os envolvidos, para ver se a gente consegue, quem sabe neste ano que está tão no começo ainda, chegar... eram dois anos, que vencem este ano, que se propunha [para] a criação do Estado Palestino, fazer o acordo, e o Estado de Israel. Quem sabe a gente possa chegar lá.

Eu confesso a vocês que... Em [19]93, eu estive aqui. Eu fui... Na época, conversei com Shimon Peres, depois encontramos com o nosso companheiro Arafat em Tunes. Chegamos até a conversar com a comissão de negociação aqui, conversei com o presidente Rabin, e eu voltei para o Brasil convencido de que o acordo ia acontecer. Voltei convencido. Nunca tive tanta certeza de que ia acontecer. Depois, mataram o Rabin, a coisa ficou mais difícil.

Mas eu tenho sentido que tem havido evoluções, tem havido evoluções. É só a gente imaginar o que era dez anos atrás e o que é agora, ou seja, falta tão pouco. Então, é preciso que todos nós façamos um esforço incomensurável para que a gente possa concluir. E quero dizer ao primeiro-ministro palestino que o Brasil sempre esteve interessado, mas nunca esteve tão interessado



como está agora em ajudar a encontrar uma solução. Porque, antigamente, também, o Brasil não tinha muito fórum para discutir. A gente estava limitado a discutir nos fóruns da ONU, embaixador com embaixador, não é isso, Celso? Mas agora, não. Agora o Brasil participa do G-20, do G-90, do G-70, do G-20 Comercial, do G-14, do G-13, do G-8, do G-5, do G-4, ou seja, nós agora temos uma gama extraordinária de fóruns, onde estão presentes quase todos os países que têm muito a ver com a solução do conflito. E nós estamos dispostos a, junto com esses atores, conversar toda oportunidade para que a gente consiga tirar todas as pedras que ainda estão atrapalhando a concretização.

Eu imagino estar vivo e poder vir para essa região, descer no aeroporto dentro do território palestino, ou se descer... Mas enquanto ele não estiver pronto, descer no aeroporto de Tel Aviv e poder transitar livremente, vendo palestinos e judeus conversando na rua, festejando na rua, trabalhando juntos, vivendo juntos. É isso que o mundo precisa para que a gente possa ter um século XXI melhor do que o século XX foi para a humanidade.

Um grande abraço e boa sorte a todos vocês.

(\$211B)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**
